

Ecoss de Berlim: a influência do nacional-socialismo alemão no fascismo espanhol (1930-1940)*

Echoes of Berlin: The influence of German National Socialism in Spanish fascism (1930-1940)

Ecoss de Berlim: la influencia del nacionalsocialismo alemán en el fascismo español (1930-1940)

Xosé M. Núñez Seixas**

Resumo: O artigo analisa a influência do nacional-socialismo alemão sobre o movimento fascista espanhol durante a sua primeira fase, ainda durante a guerra civil e primeira pós-guerra. Além do fascínio pela figura de Hitler, os fascistas espanhóis admiravam a modernidade da propaganda e agitação nazista. A admiração era partilhada pela direita católica. Ainda que o antissemitismo biológico constituísse um problema, todos consideravam Hitler como a defesa mais eficaz perante a “expansão bolchevique”.

Palavras-chave: fascismo; falangismo; nacional-socialismo; antissemitismo.

Abstract: The article analyses the influence of German national-socialism on the Spanish Fascists movement at its first stage and during the Spanish Civil War, as well as the immediate postwar period. Spanish Fascists were fascinated by Hitler's charisma, as well as by the modernity of Nazi propaganda. The Catholic right also admired this. Although biological antisemitism was a problem for some of them, they all considered Hitler to be the most efficient bulwark against the spreading of “Bolshevism”.

Keywords: fascism; falangism; national-socialism; antisemitism.

Resumen: El artículo analiza la influencia del nacionalsocialismo alemán sobre el movimiento fascista español durante su primera fase, y aún durante la guerra

* A pesquisa está inserida no projeto financiado pelo Ministério de Ciência e Inovação da Espanha, com chave: HAR 2012-37963-C02-02.

** Doutor em História Contemporânea pelo Instituto Universitário Europeu de Florença e catedrático da mesma matéria na Universidade de Santiago de Compostela. Desde 2012 é igualmente catedrático de História Contemporânea na Universidade Ludwig-Maximilians de Munique (Alemanha). <x.nunez@lmu.de>.

civil y la primera posguerra. Además de la fascinación por la figura de Hitler, los fascistas españoles admiraban la modernidad de la propaganda y agitación nazi. La admiración era compartida por la derecha católica. Aunque el antisemitismo biológico constituía un problema, todos consideraban a Hitler como la defensa más eficaz ante la “expansión bolchevique”.

Palabras clave: fascismo; falangismo; nacionalsocialismo; antisemitismo.

Todos os partidos ou movimentos fascistas se inspiram num nacionalismo radical que, por seu turno, aspira a uma palingénese, um renascimento radical e catártico da própria nação a que apelam, convertendo-a no sujeito da revolução (LAQUEUR, 1997, p. 21-27; GRIFFIN, 1991). Também os grupos fascistas espanhóis se caracterizaram, desde o seu nascimento, por defenderem de forma radical a sua originalidade e o seu carácter profundamente *nacional*. E, por conseguinte, rejeitavam a etiqueta de “fascistas” que de fora lhes era aposta, principalmente pelos seus opositores políticos.¹ Porém, e com frequência de modo contraditório, também reclamavam participar de uma corrente transnacional, que eles designavam genericamente como fascismo, que tinha como meta a renovação radical da vida política europeia como expressão de uma “nova modernidade” antidemocrática, filha das convulsões da I Guerra Mundial, que iluminaria um mundo caracterizado pela irrupção da política de massas, pelo culto do irracionalismo filosófico, da violência e do darwinismo social, pelo progresso tecnológico, pelo corporativismo social, pela devoção a líderes carismáticos, e ainda pela onipotência do Estado identificado com a nação (GRIFFIN, 2007).

Foram os movimentos fascistas mais bem-sucedidos, primeiro o italiano e, desde o início dos anos trinta, o nacional-socialismo, que irradiaram uma maior influência sobre os outros movimentos que se baseavam no fascismo, desde o Japão até à Argentina, passando naturalmente pela velha Europa. Influência que, em nenhum caso, significou cópia literal. Na verdade, há quase tantos tipos possíveis de fascismo como movimentos fascistas, além dos elementos comuns e

¹ Por exemplo, Onésimo Redondo afirmava em abril de 1933: “Mentem os que nos chamam fascistas, tal como se engana quem entenda que o movimento nacional tem simpatias por uma qualquer situação absolutista. [...] Não: nem nós nos colocamos no prato da ditadura, como único contrário ao da democracia, na balança política, nem nos inscrevemos num imaginário internacional de doutrinas a que se chamam fascistas ‘A nós, ao nosso e no nosso’” (REDONDO, 1955, p. 370-72).

do “mínimo fascista” que todos partilham.² O fascismo espanhol não é exceção. Porém, como *latecomer* à cena política da década de 1930, debateu-se de forma permanente entre a criação de uma tradição político-ideológica própria e os influxos estrangeiros. Mas, em última análise, foi aquela que acabou por prevalecer, através de uma apropriação dos estímulos ideológicos e culturais estrangeiros.³

1 Tão longe, tão perto

A influência do nacional-socialismo alemão nos passos iniciais do fascismo espanhol – muito minoritário até 1936 – foi escassa. Os primeiros núcleos político-intelectuais que se identificaram com o fascismo na Espanha desde a década de 1920, fossem eles os grupos de ação esquadrista nascidos em Barcelona e Madrid ou, sobretudo, a iniciativa intelectual encetada pelo escritor vanguardista Ernesto Giménez Caballero a partir da revista *La Gaceta Literaria* (1927-1932), tiveram como fonte de inspiração fundamental o fascismo mussoliniano.⁴ Serviu também de espelho cultural e histórico para os primeiros fascistas espanhóis, que ali alicerçavam a esperança num ressurgimento nacional, baseado no apelo comum ao Império Romano e à sua herança. A Espanha seria a continuadora do legado clássico. E a palingênese fascista pressupunha, igualmente, que a civilização voltaria ao Mediterrâneo reforçada com o catolicismo (GIMÉNEZ CABALLERO, 1933). A Itália constituía um espelho da regeneração de uma nação latina e meridional, na qual os espanhóis se poderiam rever (PEÑA SÁNCHEZ, 1995).

Porém, os fundadores dos primeiros grupos fascistas que se constituíram na Espanha no início da década de 1930, Ramiro Ledesma Ramos e Onésimo Redondo, possuíam uma bagagem cultural e filosófica de cunho mais germanófilo. Pertenciam a uma geração mais nova, para a qual a Marcha sobre Roma era uma lembrança da adolescência, ao contrário da ascensão vertiginosa do partido nazista (NSDAP) na Alemanha desde 1930. Ledesma Ramos, discípulo do filósofo José Ortega y Gasset, passou quatro meses em Heidelberg em 1930, traduzia a filosofia alemã, recebeu influências de Oswald Spengler, Nietzsche, Nicolai Hartmann e Heidegger, desde o esquema

² Ver Ledeen (1972) e Mosse (1979), assim como Griffin (1998, 2012).

³ Para uma perspectiva geral sobre o nascimento e evolução do fascismo espanhol, ver: Payne (1997), Thomàs (1999, 2001, 2011) e Gallego (2014).

⁴ Ver o testemunho do próprio Giménez Caballero (1979), assim como o de Selva (2000).

cíclico da História do primeiro ao vitalismo irracionalista do segundo, a fenomenologia e a superação da “angústia existencial” através da ação, como fundamento irracionalista de uma teoria do conhecimento (GALLEGO, 2005). Também incluía o nacional-socialismo entre as suas principais referências políticas, ao lado de uma admiração “técnica” pelas realizações do fascismo italiano. Desde o seu primeiro semanário *La Conquista del Estado*, fundado em março de 1931, Ledesma prestou uma atenção constante aos progressos do nacional-socialismo, ainda que a sua organização, *Juntas de Ofensiva Nacional Sindicalista* (JONS), constituída em outubro do ano seguinte, se tenha inspirado mais no esquadrismo italiano e no modelo do corporativismo social mussoliniano.

Onésimo Redondo, que se encontrava à procura de uma modernização do tradicionalismo católico de acordo com os exemplos que ofereciam os modernos fascismos europeus, foi leitor de Espanhol na Escola Superior de Comércio de Mannheim durante o curso académico 1927-28. Ali teve algum contato com o catolicismo político alemão, além de assistir ao crescimento da presença do partido nazista, ainda débil, na cidade. Viu em Hitler um defensor do cristianismo contra a ameaça do marxismo, e considerava que uma aliança entre o NSDAP e o *Zentrum* católico podia ser uma boa solução para travar os comunistas.⁵ Por outro lado, Redondo e vários dos seus seguidores, como Javier Martínez de Bedoya, lançaram fortes diatribes antissemitas no seu órgão de imprensa *Libertad*, editado em Valladolid a partir de junho de 1931, o mesmo sucedendo com a organização que ele fundou, as *Juntas Castellanas de Acción Hispánica* (agosto de 1931), que em breve confluiria nas JONS.⁶

O nacional-socialismo irromperia com força desde o início da década de 1930, coincidindo com o seu salto eleitoral de 2,6 por cento de 1928 até chegar aos 18,3 por cento dos sufrágios alcançados nas eleições de 1930. Era um exemplo de palingénese nacional, baseada num líder carismático e na captação de apoios à direita e à esquerda do espectro político, assumindo as táticas do inimigo comunista para

⁵ Ver Tomasoni (2014, p. 71-90); Nonis (2007).

⁶ Redondo traduziu para o castelhano a partir da versão francesa de Roger de Lambelin uma versão abreviada dos *Protocolos dos Sábios de Sião*, e reproduziu-os em fascículos no seu semanário, bem como várias passagens do livro de Henry Ford, *O judeu internacional*. Insistiu igualmente no argumento da conspiração judaico-maçônica, na identificação desta última com a origem do comunismo e da luta de classes, mas também com a burguesia financeira e o seu caráter antinacional. Ver Tomasoni (2014, p. 543-88). Exemplos em J. M. de Bedoya, “Las garras del judaísmo”, *Libertad*, Valladolid, 21 de novembro de 1931, e ainda “Glosas jonsistas. Stawisky el judío”, *Libertad*, Valladolid, 15 de janeiro de 1934.

derrotá-lo no seu terreno, a política de massas.⁷ Várias passagens do livro de Hitler *Mein Kampf* foram traduzidas no *Libertad* e, desde os números iniciais de *La Conquista del Estado*, assistiu-se com interesse às estratégias dos nacional-socialistas para a captação das massas, e aos seus métodos de agitação política. Já no ano de 1931 interessava especialmente aos fascistas espanhóis qual seria a posição adotada por Hitler perante um dilema: dar prioridade ao elemento “nacional”, ou ao elemento “socialista”?⁸ Para Ledesma Ramos, a liderança de Hitler e o espírito de sacrificio das novas gerações que comandava facilitariam o fato de “o nacional-socialismo vir em breve a governar na Alemanha, pelo menos em coligação com outras forças, o que lhe irá proporcionar a oportunidade definitiva para se apoderar do Estado de um modo absoluto”⁹.

A admiração por um modelo de liderança e de conquista do poder transformar-se-ia em aberta e cara simpatia pelo recém-nascido III Reich, desde janeiro de 1933, após Hitler assumir a chancelaria. Também era partilhada, apesar das reservas perante os pontos do programa nazista que poderiam “ferir a consciência” dos católicos, expressadas desde a revista *Acción Española* em 1932, pelo conjunto das direitas antirrepublicanas.¹⁰ Observavam em geral no novo chanceler um paladino de uma nova unidade suprapartidária, nacional e antimarxista, conseguida mediante a mobilização do sentimento nacionalista ferido. Era um espelho da confluência autoritária, sob uma liderança forte, que inspirava católicos, monárquicos e conservadores autoritários em Espanha. Como escreveu então Ledesma Ramos, Hitler já tinha demonstrado ser um génio da agitação política desde 1922, fundindo-se com a “autenticidade alemã” e interpretando o espírito de seu povo, mas demonstrava então ser também um estadista pragmático, capaz de conquistar todo o poder para os nazistas num passo rápido e firme, seguindo de uma forma mais decidida o roteiro marcado na época por Mussolini quando assumiu o poder na Itália e, aparentemente, fazendo menos concessões à sua direita.¹¹ Os métodos de propaganda nacional-

⁷ R. Bader, “El triunfo nacional socialista de Hamburgo”, *La Conquista del Estado*, Madrid, 21, 10.10.1931; Lorenzo Puértolas, “Un libro: Czech Jochberg: Hitler, un movimiento alemán”, *La Conquista del Estado*, Madrid, 16, 27.06.1931.

⁸ Juan F. Pastor, “Crónicas de Alemania: Nacional-socialismo y comunismo”, *La Conquista del Estado*, Madrid, 14.3.1931

⁹ Ramiro Ledesma Ramos, “La supuesta derrota del nacionalsocialismo”, *La Conquista del Estado*, Madrid, 11.4.1931.

¹⁰ Ver Jorge Vigón, “Actualidad internacional”, *Acción Española*, Madrid, 16.5.1932.

¹¹ Ver R. Ledesma Ramos, “El nacional-socialismo en el poder. La ruta de Alemania”. *JONS*, Madrid, 1, maio 1933.. Cf. também “Aplastante triunfo racista en Alemania”, *Igualdad*, Valladolid, 17, 6.3.1933.

socialista e a sua capacidade de mobilização proativa constituíam uma lição permanente.¹²

Do nacional-socialismo os fascistas espanhóis admiravam principalmente a encenação de uma solidariedade nacional em torno de um líder, a imagem de unanimidade social e de mobilização dos cidadãos. Uma imagem de modernidade que os nazistas transmitiram a outros movimentos fascistas europeus (REICHEL, 1991). Mas os ibéricos também gostavam da ousadia do novo Estado nazista em quebrar as cadeias impostas pelo Tratado de Versalhes e impor a vontade e a força sobre o Direito, contradizendo os desígnios dos *inimigos históricos* da Espanha, como a França ou a Grã-Bretanha, e denunciando a “hipocrisia” da Sociedade das Nações. Em última análise, admiravam o exercício, por parte do III Reich, de uma “política de potência” baseada nos fatos consumados, nomeadamente a partir do abandono por parte da Alemanha da Sociedade das Nações em outubro de 1933.¹³ Uma nação derrotada ressurgia em pouco tempo e transformava-se em exemplo para uma Espanha que ainda lamentava a sua decadência imperial. A Alemanha era exemplo de uma “convulsão de consciência” vivificante após “anos de agonia” e farol de esperança para uma Espanha que, em 1933, estaria “afundada na mesma noite de ignomínia que aquela Alemanha social-democrata de 1918” (GONZÁLEZ RUANO, 1933, p. 18).

Juntava-se a tudo isto um fascínio não dissimulado pela biografia de Hitler, como protótipo do patriota e do homem que se fez a si mesmo, desde a marginalidade social até ao topo do poder,¹⁴ capaz de criar um movimento de massas a partir do nada, “lutando sozinho, contra muitos inimigos”, graças à capacidade de interpretar como ninguém o sentimento nacional do povo. Era assim que o descrevia o único número do semanário *El Fascio*, lançado em março de 1933, no calor dos ecos do triunfo hitleriano.¹⁵

¹² Juan Linares Rivas, “Hitler. Su método. Su sistema”, *JONS*, Madrid, 9 (abril de 1934).

¹³ “Alemania”, *FE*, Madrid, 1, 7.12.1933; “El gesto de Alemania y la Sociedad de Naciones”, *Arriba*, Madrid, 1, 21.3.1935; “Ventana al mundo”, *Arriba*, Madrid, 9, 16.5.1935; 11, 30.5.1935, 12, 6.6.1935, e 13, 13.6.1935.

¹⁴ Ver. C. Fernández-Cuenca, “Adolf Hitler y el Nacional-socialismo”, *Libertad*, Valladolid, 21.3.1932; “El ejemplo de Alemania. Hitler al frente del porvenir”, *Libertad*, Valladolid, 6.2.1933.

¹⁵ Ver. “Alemania-España: El fascismo y la democracia. Coincidentes... en unas audiciones de radio”, e “La recia figura de Adolfo Hitler. El muchacho con alma de artista”, *El Fascio*, Madrid, 1, 16.3.1933.

2 Antissemitismo alemão e o antijudaísmo espanhol

O postulado do racismo biológico poderia representar um obstáculo para alguns observadores, tal como a atitude ateia do regime nazista. Já desde as primeiras glosas do triunfo de Hitler que os fascistas espanhóis salientavam que o antissemitismo biológico-genético era a grande característica que diferenciava o “hitlerismo” dos outros movimentos fascistas, e afastavam-se dessa concepção de raça. No entanto, assinalavam, ao mesmo tempo, que os espanhóis também não gostavam dos judeus e que, portanto, compreendiam a interpretação racial que o nacional-socialismo dava a um problema universal, que noutras latitudes (Espanha e Itália) tinha adquirido apenas características confessionais.¹⁶ Apesar de todos reconhecerem a natureza confessional e não biológica de seu próprio antijudaísmo, os fascistas e católicos autoritários mostraram uma compreensão benevolente face às primeiras medidas segregadoras contra os judeus no III Reich, minimizaram o componente anticristão e concentraram-se nas medidas tendentes a reforçar o prestígio alemão no exterior.

É o que demonstrava a visão do conservador germanófilo Vicente Gay Forner, economista e ensaísta que se tinha interessado já pelo fascismo italiano. Quando visitou a Alemanha nazista em 1933 expressou algum receio em relação ao racismo biológico, preferindo um autoritarismo mais temperado. O antissemitismo nazista distinguiria entre sionistas e não-sionistas, “súditos da Alemanha, que vivem na Alemanha, e os judeus-alemães nacionais”; e o seu acordo com a igrejas católica e a evangélica seria apenas uma delimitação de funções do Estado e da Igreja. O “Terceiro Império”, finalmente, significaria uma superação europeia do conceito de nacionalismo, fundindo-se com um ideal de raça e associando-o, não ao conceito burguês de “Estado nacional”, mas sim ao de império. Mesmo assim justificava a existência dos primeiros campos de concentração, descrevendo Dachau como um “estabelecimento educacional”. Da mesma forma, o jurista formado em Bolonha e convertido ao falangismo Juan Beneyto Pérez publicou, em 1934, um texto de divulgação sobre o nazismo em que mostrava grande simpatia pela figura de Hitler, defendia a necessidade de limitar a influência dos judeus na vida pública e econômica e negava que o

¹⁶ “Alemania: Nazis y judíos”, *FE*, 2, 11.1.1934. Ver Álvarez Chillida (2002, p. 302-303; 342-343). Na primavera de 1935 militantes falangistas dirigiram uma campanha de boicote contra dois armazéns SEPU, propriedade de judeus alemães refugiados em Espanha, acusando-os de concorrência desleal e usura contra o povo espanhol, tendo sofrido mesmo três ataques.

nazismo fosse anticristão. O relato coevo do jornalista pró-fascista César González Ruano, correspondente do jornal monárquico *ABC* em Berlim, oferecia uma história do nacional-socialismo desde as suas origens até à conquista do poder, e assumia os tópicos da propaganda nazista, que apresentava os judeus como a causa da derrota alemã na I Guerra Mundial.¹⁷

Nisso coincidiam com outros correspondentes de imprensa e visitantes do III Reich que partilhavam o anticomunismo do regime e admiravam o talento oratório de Hitler. O jornalista Adelardo Fernandez Arias, antisemita que justificava a necessidade de “exterminar” a influência judaica na Alemanha, concluía assim o seu livro de impressões sobre o III Reich: “Espanhol! Rezai todas as noites esta oração: Meu Deus! Salva Espanha! ... Concede-nos um homem como Hitler!”. FERNÁNDEZ ARIAS (1935, p. 60-68, 79). Noutros relatos de viajantes e estudantes espanhóis na Alemanha, oferecia-se também um retrato favorável do nacional-socialismo, visto como o grande modelo do porvir da “juventude europeia” no seio de uma Europa ameaçada pelo marxismo (RATO, 1935).

Numa linha de argumentação semelhante, o semanário *Libertad* resumia a postura do fascismo católico espanhol em direção às tendências ateístas do nacional-socialismo. Onésimo Redondo escrevia em 1934 que o anticomunismo do *Führer* redimia-o dos seus possíveis pecados:

Até agora, é verdade, o regime hitleriano não conseguiu a simpatia unânime e a confiança do mundo ocidental cristão. Mas pelo menos tem direito a que os católicos considerem o ateísmo e a barbárie inominável do bolchevismo, como o polo oposto à causa de Cristo. Uma vez que olhamos, não obstante todas as diferenças, o fato hitleriano como uma barreira poderosa contra o inferno comunista, não é isso suficiente para encontrar em todo o peito cristão um resquício de simpatia? Façamos votos os católicos, para que o nacional-socialismo protestante ou pagão se converta, mas não para que se afunde!¹⁸

Só alguns grupos de inspiração social-católica mostravam reservas perante o *materialismo racial* do nacional-socialismo e a ameaça à autonomia da Igreja católica na Alemanha. Mais complexa e matizada foi

¹⁷ Ver Gay (1934); González Ruano (1933); Beneyto Pérez (1934, p. 113-118). Sobre o apoio alemão às viagens e à publicação dos livros de Gay e González Ruano, ver Viñas (2001, p. 186-187) e Schulze-Schneider (1999).

¹⁸ “Religión y política. Defensa de Hitler”, *Libertad*, Valladolid, 6.8.1934.

a posição do grupo de monárquicos, católicos radicais e tradicionalistas mais ou menos propensos à *fascização* que a revista *Acción Española* representava, ao redor de Ramiro de Maeztu.

Muitos dos que possuíam uma formação intelectual – e às vezes acadêmica – de raiz alemã, foram germanófilos durante a I Guerra Mundial e receberam positivamente a revisão irracionalista dos fundamentos do Estado liberal que tinha sido levada a cabo por autores como Oswald Spengler e Carl Schmitt.¹⁹ Todos eles ficaram positivamente surpreendidos perante o que entendiam como um ressurgimento nacional da Alemanha, pela estética das manifestações de massas disciplinadas em torno de um líder e de um ideal de supremacia da comunidade nacional, pelo seu anticomunismo, pela oratória eletrizante do *Führer*, e pela modernidade da sua propaganda. Ramiro de Maeztu esteve entre os mais definidos admiradores de Hitler, em quem contemplava um exemplo de mobilização nacionalista defensor da civilização cristã e um baluarte contra o marxismo.²⁰ As reservas provinham mais uma vez do laicismo que o nazismo ostentava, da retórica anticapitalista de alguns dos seus expoentes, do antimonarquismo e, curiosamente, da utilização da estratégia eleitoral, através da construção de um partido de massas para ir às eleições e a forja de alianças com outros partidos nacional-conservadores para aceder ao poder, em vez de o conquistar mediante a violência.

Da revista *Acción Española* vaticinava-se em fevereiro de 1933 que o partido nazista, que tinha chegado ao poder “através das combinações mais complicadas de antecâmara” acabará dividindo-se devorado pelas contradições. Mas algumas semanas mais tarde, a constatação de que Hitler tinha começado a obra de demolição do sistema parlamentar e a visão de “multidões entusiasmadas” numa unanimidade patriótica levava a desejar que, no futuro, algo semelhante aconteceria na Espanha. A relevância das primeiras medidas de discriminação racial do nazismo no poder foi minimizada, e o chanceler foi visto como um possível restaurador do império dos Habsburgo ou, em qualquer caso, como um regenerador da unidade nacional. A confluência de todas as forças antiliberais e antimarxistas através de uma liderança forte e da agitação de massas foi vista como uma lição a ter em conta pelos intelectuais de direita radical. E vários colaboradores da revista eram a favor da

¹⁹ Sobre a influência de Spengler e outros filósofos alemães na Espanha, ver. Lemke Duque (2013; 2014).

²⁰ “Actividades culturales”, *Acción Española*, Madrid, 16.5.1932.

eugenia e dos princípios biológico-genéticos da doutrina racial nazista que julgavam ser inaplicáveis em Espanha.²¹

No entanto, o modelo fascista italiano continuava a ser olhado pelos fascistas ibéricos como o mais aplicável às circunstâncias espanholas. O fundador e carismático chefe da Falange Espanhola em outubro de 1933, José Antonio Primo de Rivera, visitou (bem como outros líderes da direita antirrepublicana), a Alemanha a convite do NSDAP na primavera de 1934, onde só manteve um fugaz encontro com o *Führer*. *José Antonio* não voltou convencido de que o modelo nacional-socialista fosse exportável para Espanha, e as referências ao nazismo nos seus discursos e escritos seguintes foram escassas, por oposição à relação mais intensa que manteve com o fascismo mussoliniano (PAYNE 1997, p. 261-267; VIÑAS, 2001, p. 160-164).

O dirigente da Falange não foi o único fascista hispânico decepcionado ou, pelo menos, pouco fascinado pelo nazismo. O mesmo aconteceu, por exemplo, ao jornalista e membro fundador das JONS Antonio Bermúdez Cañete, que depois de um primeiro fascínio por Hitler e de ter traduzido mesmo alguns capítulos de *Mein Kampf* para o castelhano – embora só chegassem a ver a luz do dia como artigos em diversos órgãos da imprensa da JONS²² –, acabou por recusar abertamente o racismo nazista e as tendências “socializantes” do NSDAP quando era correspondente do jornal católico *El Debate* em Berlim, e voltou ao berço do conservadorismo católico.²³ Um antigo comunista e admirador fervoroso de Mussolini como o historiador galego Santiago Montero Díaz, que assistiu, durante uma estadia de estudos em Berlim, à fase de implantação e ascensão do regime nazista na primavera de 1933, voltou igualmente do III Reich cheio de ceticismo em relação às virtudes do nacional-socialismo, apesar de evoluir nesses mesmos meses para um fascismo entendido como nacionalização da esquerda e conversão da nação em sujeito revolucionário, o que o levou, no verão de 1933, a entrar nas JONS (NÚÑEZ SEIXAS, 2012, p. 77-79).

Os grupos fascistas espanhóis, unificados na FE-JONS desde fevereiro de 1934, desenvolveram-se sem grandes ajudas externas. Quando recorreram ao financiamento externo, como foi o caso da Falange

²¹ Francisco Murillo, “El mejoramiento de la raza, base del engrandecimiento de Alemania”, *Acción Española*, Madrid, 1.1.1934; Wenceslao González Oliveros, “Algunas notas sobre el momento científico de la doctrina racista”, *Acción Española*, Madrid, 1.5.1934 y 16.5.1934. Ver Morodo (1985, p. 114-124).

²² A primeira tradução de *Mein Kampf* em castelhano foi publicada no ano de 1935: ver Hitler (1935).

²³ Ver Velarde Fuertes (1972, p. 127-210).

entre 1935 e 1936, dirigiram-se sempre a Roma, onde encontraram uma certa receptividade, e não a Berlim (THOMÀS, 1999). Claro que no jornal *Informaciones*, subsidiado pela diplomacia nazista e no qual se difundiam artigos de propaganda do nazismo elaborados em grande parte na Alemanha (BÖCKER, 2000, p. 230, 289-290), trabalhavam como redatores alguns falangistas, como o poeta Federico de Urrutia. E é também verdade que alguns dirigentes locais da Falange, como foi no caso da Galiza o do farmacêutico Victoriano Muñoz ou do agente comercial Gustavo Kruckenberg, mantinham ligações privadas com a Alemanha, ou eram eles próprios de origem germânica. Além disso, os consulados alemães distribuíram propaganda nacional-socialista em espanhol junto dos grupos das JONS e da Falange desde, pelo menos, meados de 1933, algo que era feito, geralmente, por pessoas que funcionavam como intermediários VIÑAS (2001, p. 187-188).²⁴ Noutros lugares de Espanha existiam também algumas ligações entre as atividades dos falangistas e as dos grupos da *Organización no Estrangeiro* do partido nazista (*Auslandsorganisation*, AO).

No entanto, a embaixada alemã e as suas delegações consulares apenas mantinham contatos diretos com os grupos fascistas espanhóis. O pessoal nem sequer estava a par dos preparativos e conspirações dos vários grupos da direita radical e de oficiais do exército nos meses que antecederam o Golpe de Estado de julho de 1936 e, pelo contrário, os relatórios da embaixada alemã em Madrid alertavam para a possível tomada do poder pelos “bolcheviques”. Por outro lado, nessa altura o fascismo espanhol não parecia aos observadores alemães um movimento que estivesse em condições de tomar o poder, além de o considerarem excessivamente influenciado pela origem “aristocrática” de alguns de seus líderes (VIÑAS 2001, 287-295). Tanto o *director* da sublevação militar contra a República, o general Emilio Mola, como vários líderes monárquicos que conspiravam com ele, obtiveram de Mussolini dinheiro, armas e treino militar para os grupos de milicianos *requetés*. Eram os setores em que um grande número de seguidores podia se mobilizar e, portanto, que se ofereciam como aliados mais interessantes para os planos mussolinianos de desestabilizar a II República espanhola.

²⁴ Ver. por exemplo. as informações do vice-cônsul alemão em Monforte de Lemos (Lugo), 2.5.1934; do cônsul alemão em A Corunha, 11.5.1934, e de Vigo, 26.4.1934 (Arquivo Político do Ministério dos Negócios Estrangeiros [PAAA], Berlim, Deutsche Botschaft Spanien-Generalkonsulat Barcelona, PRT 10/2).

3 Entregues ao III Reich

O começo da Guerra Civil Espanhola, em julho de 1936, foi um momento de clara inflexão. Como é bem conhecido, os rebeldes, graças aos seus contatos com industriais e comerciantes alemães ligados ao NSDAP que residiam no Protetorado de Marrocos, conseguiram fazer chegar o seu pedido de ajuda ao chanceler Adolf Hitler no final de julho de 1936. Seguiu-se o envio de abastecimentos e provisões militares e, sobretudo, de um contingente militar, a Legião Condor, composta na sua grande maioria por aviadores com pessoal de apoio técnico e terrestre. Em novembro de 1936, Hitler enviou a Salamanca, como representante diplomático do III Reich perante o Quartel-General do General Francisco Franco, chefe máximo dos rebeldes, o nazista fanático e antigo assessor militar na Argentina e no Peru Wilhelm Faupel. Era uma imposição clara do NSDAP, que dava prioridade às relações com a Falange, partido que desde o início da guerra aumentara de forma exponencial a sua militância e influência política, enquadrando e fornecendo milhares de voluntários para o exército revoltoso.

Em fevereiro de 1937 Faupel foi elevado por Hitler à categoria de embaixador na Espanha franquista. Apesar das instruções recebidas, Faupel ultrapassou amplamente as suas funções diplomáticas e distinguiu-se por se intrometer nos conflitos políticos da retaguarda do campo insurgente, apoiando claramente a Falange. A isso acresceu a sua teimosia perante Franco para que não “deturpasse” o conteúdo fascista original da Falange, e as suas pretensões de influir na formulação das estratégias militares germano-italianas. Pelo contrário, Faupel via os falangistas como os verdadeiros expoentes de um nacional-socialismo revolucionário adaptado às circunstâncias ibéricas, e apoiava as suas ambições de conquista do poder, além de conceber um vasto programa de intercâmbio germano-espanhol para rivalizar com os aliados italianos na influência política e ideológica sobre os falangistas, tentando ganhá-los para uma aliança duradoura com os interesses geoestratégicos do III Reich (MERKES, 1961, p. 230-264).

Porém, o apoio de Faupel aos partidários de Manuel Hedilla, que tentaram tomar o poder no interior da FE, a sua oposição ao Decreto de Unificação que em abril de 1937 levou à constituição da *Falange Española Tradicionalista y de las JONS* (FET-JONS) como partido único, e a sua permanente intromissão em questões militares, levaram a que o general Franco pressionasse para que Hitler o destituisse no final de agosto de 1937 (THOMAS, 2001; 2014). Faupel, como muitos

nacional-socialistas presentes na Espanha, acreditava que o verdadeiro fascismo revolucionário, cujos representantes considerava serem os falangistas, cedia lugar a uma orientação conservadora, obcecada em restaurar o poder da Igreja e das elites tradicionais. Na verdade, o embaixador levou com ele para Berlim alguns colaboradores falangistas, retomando a direção do Instituto Ibero-Americano na capital alemã, e tentaria a partir dali continuar a influir nos destinos do fascismo espanhol (GLIECH, 2003).

O período de 1938-1942 representou o auge da influência nacional-socialista no fascismo espanhol, de modo paralelo à aproximação político-diplomática entre a Espanha franquista e o III Reich. Era uma relação que, para os alemães, se baseava em interesses estratégicos e geopolíticos, e não (ou apenas muito secundariamente) no objetivo de exportar o nacional-socialismo. O seu objetivo era incluir a Espanha na nova ordem económica europeia sob a futura hegemonia do III Reich. Foram muitos os dirigentes falangistas que se deslocaram à Alemanha a partir de 1937 por vezes em viagens de representação, noutras ocasiões com o propósito de estreitar as relações entre a FET-JONS e o NSDAP, e alguns líderes nazistas realizaram visitas a Espanha. As organizações setoriais do partido nazista serviram de inspiração para fundar e espalhar a *Frente de Juventudes* espanhola, bem como para ampliar as competências da Seção Feminina da Falange e a criação do *Auxilio Social*, que teve a *Winterhilfe* alemã como modelo.²⁵

Da mesma forma, multiplicaram-se os intercâmbios intelectuais. Berlim tornou-se num destino ainda mais comum para os jovens professores espanhóis de orientação falangista. O Estado nacional-socialista procurou, enfim, através de uma intensa política de subsídio e penetração ideológica, influenciar a opinião pública espanhola (SCHULZE-SCHNEIDER, 2004). Também estabeleceu sólidos elos com os organismos culturais franquistas, baseando-se em associações e plataformas organizativas já existentes desde a década de 1920, como a Sociedade Germano-Espanhola (*Deutsch-Spanische Gesellschaft*). Outro foi o caso do *Instituto de Estudios Políticos* fundado em 1939, que serviu de canal preferencial para a recessão dos contributos culturais alemães no campo da Teoria Política e das Ciências Sociais em geral.²⁶ A emergente doutrina jurídica nacional-socialista ou *iusnazismo*, baseada numa revisão comunitária, como um *Volksrecht* ou direito nacional, dos

²⁵ Ver Morant i Ariño (2012) e Ruiz Carnicer (1996, p. 156-161).

²⁶ Ver a este respeito Janué i Miret (2008a, 2008b), Ros Agudo (2002, p. 271-314) e Sesma Landrín (2011).

fundamentos positivistas, racionalistas e individualistas da Filosofia do Direito, teve um amplo eco entre vários juristas espanhóis, como Luis Legaz Lacambra ou Francisco Javier Conde.²⁷

A plena beligerância na guerra mundial ao lado do III Reich era uma possibilidade seriamente tida em conta pelos fascistas espanhóis, que esperavam que aquela supusesse a conquista de “todo o poder para a Falange”. Alguns setores do exército e muitos católicos tradicionalistas partilhavam o mesmo desejo. Porém, para o ditador Franco Espanha só deveria participar na guerra se as suas ambições territoriais, concentradas em Marrocos e no Norte de África, assim como na África Equatorial, fossem satisfeitas. A falta de interesse por parte de Hitler e do Estado-Maior da *Wehrmacht* no palco do Norte de África e no Mediterrâneo, até 1943 um cenário de guerra secundário, impediu que a entrada da Espanha franquista na guerra se materializasse.²⁸ Ao III Reich interessava, daí em diante, o papel de Espanha como fornecedora de algumas matérias-primas fundamentais, como volfrâmio, e secundariamente de trabalhadores para a sua indústria. Mesmo a relevância militar da Divisão Espanhola de Voluntários ou Divisão Azul, pela qual passaram 47.000 espanhóis e que foi enviada à Frente Oriental entre junho de 1941 e janeiro de 1944, foi muito inferior ao seu papel simbólico.²⁹

Germanofilia não era equivalente de nacional-socialismo ideológico. Com certeza, a simpatia pela Alemanha, que se manifestara em boa parte das direitas católicas durante a I Guerra Mundial, via-se agora reforçada pelo fascínio perante o poder militar e económico germânico. Nomeadamente, quando a partir da primavera de 1940 a *Wehrmacht* derrotou um dos inimigos “tradicionalistas” do conservadorismo espanhol, a França, e parecia ir ganhando a guerra contra outro deles, a Grã-Bretanha. No caminho, se haviam registrado reações contraditórias entre as bases falangistas e muitos tradicionalistas face à invasão alemã da Polónia católica e face à assinatura do pacto germano-soviético (BOWEN, 2007). Mas essas reservas desapareceram por ocasião da conquista da França pelas tropas alemãs. Católicos praticantes e até mesmo párocos rurais viam na *Wehrmacht* um instrumento divino que, como um novo arcanjo, derrotaria de vez o mal, personificado pela União Soviética e pelo comunismo, mas também daria uma lição inesquecível aos seus aliados democratas. A esperança do ultracatolicismo hispânico residia no fato de, ao ser instrumento da derrota final do *Anti-Cristo*

²⁷ Ver Rivaya (1998, p. 49-82), López García (1996, p. 31-53) e ainda Gallego (2014, p. 510-516, 740-747).

²⁸ Para uma descrição detalhada, ver Tusell (1995).

²⁹ Sobre a Divisão Azul, ver, entre outros, Moreno Julià (2004); Bowen (2000) e Núñez Seixas (2016).

soviético, a ateia Alemã nazista se redimiria do pecado original. Por outro lado, boa parte da oficialidade do exército espanhol partilhava também uma grande admiração pela Alemanha. Esta tinha muito que ver com o entusiasmo perante o que parecia ser uma máquina militar invencível, e a realização de um “ressurgimento nacional” antimarxista e autoritário (CARDONA, 2003, p. 59-64). Vários autores falangistas apresentavam o triunfo alemão na guerra como a oportunidade de uma verdadeira *nova ordem*, muito em linha com os postulados de Berlim, cujos tentáculos se estendiam a vários jornais e ao financiamento de diversas obras panegíricas sobre o nazismo.³⁰ Nomeadamente, a escritora Carmen Velacoracho, ativista católica hispano-cubana que se aproximara do nazismo por causa do seu forte antissemitismo, publicou duas biografias do *Führer*, apresentando-o como um defensor da fé e da civilização cristã (VELACORACHO, 1940; 1943). Federico de Urrutia editou uma coletânea dedicada à “Alemanha eterna”, em que vários autores cantavam as glórias do exército alemão, do III Reich e de Hitler em particular, apresentado como paladino da restauração do poder de uma Germânia excelsa, herdeira dos Nibelungos, mas também campeão da Cruz contra judeus, maçons, capitalistas e comunistas.³¹

As teorias do racismo determinista e biológico-genético, a eugenia e as teorias raciais de Lombroso e a Biopsicologia tiveram influência em alguns psicólogos espanhóis, como o psiquiatra militar Antonio Vallejo-Nájera, quem pretendia conciliar as influências teóricas com a definição espiritual e cultural da Hispanidade, e ao mesmo tempo demonstrar a origem semita da esquerda internacional (ALVAREZ CHILLIDA, 2002, p. 373-375). Alguns grupos recrutados entre as bases militantes falangistas adotaram de forma clandestina a simbologia nazista e, talvez com o apoio velado dos serviços de informação e propaganda alemães, empreenderam algumas campanhas de boicote a cidadãos britânicos ou partidários confessos dos Aliados em várias províncias. Noutras ocasiões, constituíram associações de apoio à “Grande Alemanha”. Porém, na Espanha de 1940-41, não havia nacional-socialistas que fossem nas suas propostas totalitárias além da ortodoxia falangista mais ou menos fundacional.

Considerações finais

A marcha vitoriosa dos exércitos alemães e dos seus aliados no verão de 1941, após a invasão da URSS, elevou a germanofilia e o

³⁰ Ver Alvarez Chillida (2002, p. 381-385). Alguns exemplos de autores falangistas que atuaram como propagandistas da Alemanha nazista foram, por exemplo, Urrutia (1939) ou Estrada (1940a, 1940b).

³¹ Ver Urrutia (1940); ainda Domínguez Arribas (2009, p. 457-461).

hitlerismo de muitos simpatizantes do franquismo, e nomeadamente dos falangistas, ao paroxismo. O que se manteve várias semanas, graças ao clima de mobilização entusiasmante entre os setores pró-falangistas que acompanhou o recrutamento de voluntários para a Divisão Azul.

Porém, mudaram as motivações dos germanófilos convencidos depois da invasão da URSS? Os fascistas espanhóis ratificaram a sua anterior admiração por Hitler e pelo nazismo. Os católicos, tradicionalistas e alguns monárquicos reconfirmaram o que parecia ser a sua convicção anterior: a Alemanha era o instrumento escolhido pela Providência para terminar com a encarnação de Lúcifer no mundo. Atacar o grande inimigo comum, aquele que era acusado de ter invadido Espanha em julho de 1936, contribuía, sem dúvida, para ganhar adesões. Mas as razões explícitas de simpatia pelo III Reich não mudaram muito. O *Führer* não só estaria a bater na União Soviética, mas também nalguns dos inimigos mais tradicionais do conservadorismo e do tradicionalismo espanhol. Tratava-se para eles de uma continuação da guerra civil espanhola. Porém, a guerra no Leste era um conflito muito diferente.

Referências

- ALVAREZ CHILLIDA, Gonzalo. *El antisemitismo en España: la imagen del judío, 1812-2002*. Madrid: Marcial Pons, 2002.
- BENEYTO PÉREZ, Juan. *Nacionalsocialismo*. Barcelona: Editorial Labor, 1934.
- BÖCKER, Manfred. *Antisemitismus ohne Juden: die Zweite Republik, die anti-republikanische Rechte und die Juden; Spanien 1931 bis 1936*. Frankfurt: Peter Lang, 2000.
- BOWEN, Wayne H. *Spaniards and Nazi Germany: Collaboration in the New Order*. Columbia, Mo: University of Missouri Press, 2000.
- _____. “Spain and the Nazi Occupation of Poland, 1939-44”, *International Social Science Review*, v. 82, n. 3-4, p. 135-148, 2007.
- CARDONA, Gabriel. *El gigante descalzo: el ejército de Franco*. Madrid: Aguilar, 2003.
- DOMÍNGUEZ ARRIBAS, Javier. *El enemigo judeo-masónico en la propaganda franquista, 1936-1945*. Madrid: Marcial Pons, 2009.
- ESTRADA, J. J. *Cuando Inglaterra quedó sola*. Madrid: Rubiños, 1940a.
- ESTRADA, J. J. *¿Por qué lucha Alemania? (Cómo ha sido empujado Hitler a la guerra)*. Madrid: Ediciones Rubiños, 1940b.
- FERNÁNDEZ ARIAS, Adelardo. *Hitler, el salvador de Alemania*. Madrid: Editorial Fenix, 1935.
- GALLEGO, Ferran. *Ramiro Ledesma Ramos y el fascismo español*. Madrid: Síntesis, 2005.
- _____. *El evangelio fascista. La formación de la cultura política del franquismo (1930-1950)*. Barcelona: Crítica, 2014.
- GAY FORNER, Vicente. *La revolución nacionalsocialista*. Barcelona: Bosch, 1934.
- GIMÉNEZ CABALLERO, Ernesto. *La nueva catolicidad: teoría general sobre el fascismo en Europa, en España*. Madrid: Ediciones de ‘La Gaceta Literaria’, 1933.
- _____. *Memorias de un dictador*. Barcelona: Planeta, 1979.

- GLIECH, Oliver. Wilhelm Faupel. Generalstaboffizier, Militärberater, Präsident des Ibero-Amerikanischen-Instituts. In: LIEHR, R.; MAIHOLD, G.; VOLLMER, G. (Eds.). *Ein Institut und sein General: Wilhelm Faupel und das Ibero-Amerikanische Institut in der Zeit des Nationalsozialismus*. Frankfurt am Main: Vervuert, 2003. p. 131-279.
- GONZÁLEZ-RUANO, César. *Seis meses con los 'Nazis'*. Madrid: La Nación, 1933.
- GRIFFIN, Roger. *The Nature of Fascism*. London: Pinter, 1991.
- _____. *International Fascism: theories, causes and the new consensus*. London; New York: Arnold; Oxford UP, 1998.
- _____. *Modernism and Fascism: The Sense of a Beginning Under Mussolini and Hitler*. Basingstoke: Palgrave. 2007.
- _____. Studying Fascism in a Postfascist Age. From New Consensus to New Wave? *Fascism – Journal of Comparative Fascist Studies*, v. 1, n. 1, p. 1-17, 2012.
- HITLER, Adolf. *Mi lucha*. Barcelona: Soraluçe, 1935.
- JANUÉ I MIRET, Marició (Ed.). Las relaciones culturales hispano-alemanas en el siglo XX, dossier. *Revista Ayer*, v. 69, 2008a.
- _____. Un instrumento de los intereses nacionalsocialistas durante la Guerra Civil española: el papel de la Sociedad Germano-Española de Berlín. *Iberoamericana*, v. 31, p. 27-44, 2008b.
- LAQUEUR, Walter. *Fascism: Past, present, future*. New York: Oxford UP, 1997.
- LEDEEN, Michael A. *Universal fascism: The theory and practice of the Fascist international, 1928-1936*. New York: H. Fertig, 1972.
- LEMKE DUQUE, Carlos A. Permanente Pseudo-Morphose und transitive Dekadenz: Kulturkritische Resemantisierung der Kultur- und Geschichtsmorphologie Oswald Spenglers im Echo der Madrider Presse (1920-1936). In: GASIMOV, Z.; LEMKE DUQUE, C.A. (Eds.). *Oswald Spengler als europäisches Phänomen: der Transfer der Kultur- und Geschichtsmorphologie im Europa der Zwischenkriegszeit 1919-1939*, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2013. p. 185-237.
- _____. *Europabild-Kulturwissenschaften-Staatsbegriff. Die 'Revista de Occidente' (1923-1936) und der deutsch-spanische Kulturtransfer der Zwischenkriegszeit*. Frankfurt am Main: Vervuert, 2014.
- LÓPEZ GARCÍA, José Antonio, *Estado y Derecho en el franquismo: El nacionalsindicalismo*: F. J. Conde y Luis Legaz Lacambra. Madrid: CEPC, 1996.
- MERKES, Manfred. *Die deutsche Politik gegenüber dem spanischen Bürgerkrieg, 1936-1939*. Bonn: L. Röhrscheid, 1961.
- MORANT I ARIÑO, Antoni. Estado totalitario y género: el referente alemán para la Sección Femenina de Falange, 1936-1945. *Alcores – Revista de Historia Contemporánea*, v. 13, p. 63-83, 2012.
- MORENO JULIÁ, Xavier. *La División Azul: sangre española en Rusia, 1941-1945*. Barcelona: Crítica, 2004.
- MORODO, Raúl. *Los orígenes ideológicos del franquismo*: Acción Española. Madrid: Alianza. 1985.
- MOSSE, Georg L. *International Fascism: New thoughts and new approaches*. London; Beverly Hills: Sage Publications, 1979.
- NONIS, Ester. Nazionalismo, antiguidaismo e propaganda. Il pensiero incompleto di Onésimo Redondo. *Spagna contemporanea*, n. 32, p. 73-92, 2007.
- NÚÑEZ SEIXAS, Xosé M. *La sombra del César*: Santiago Montero Díaz, una biografía entre la nación y la revolución. Granada: Comares, 2012.
- _____. *Camarada invierno. La experiencia de la División Azul*. Barcelona: Crítica, 2016.

- PAYNE, Stanley G. *Franco y José Antonio: El extraño caso del fascismo español. Historia de la Falange y del movimiento nacional, 1923-1977*. Barcelona: Planeta, 1997.
- PEÑA SÁNCHEZ, Vicente. *Intelectuales y fascismo: la cultura italiana del “ventennio fascista” y su repercusión en España*. Granada: Universidad de Granada, 1995.
- RATO, Ramón de. *Vagabundo bajo la luna: rápida visión de Europa y sus problemas*. Madrid: E.P.C, 1935.
- REDONDO, Onésimo. Teoría Constitucional III. In: GARCÍA SÁNCHEZ, N. (Ed.). *Obras completas de Onésimo Redondo*. Madrid: Publicaciones Españolas, 1955.
- REICHEL, Peter. *Der schöne Schein des Dritten Reiches: Faszination und Gewalt des Faschismus*. Munique: Hanser, 1991.
- RIVAYA, Benjamín. *Filosofía del Derecho y primer franquismo*. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 1998.
- ROSAGUDO, Manuel. *La guerra secreta de Franco (1939-1945)*. Barcelona: Crítica, 2002.
- RUIZ CARNICER, Miguel Ángel. *El Sindicato Español Universitario (SEU), 1939-1965: la socialización política de la juventud universitaria en el franquismo*. Madrid: Siglo XXI, 1996.
- SCHULZE SCHNEIDER, Ingrid. La propaganda alemana en la Segunda República Española. *Historia y comunicación social*, v. 4, p. 183-198, 1999.
- _____. Alemania y la guerra civil española: información y propaganda. *Spagna contemporanea*, v. 26, p. 57-84, 2004.
- SELVA, Enrique. *Ernesto Giménez Caballero, entre la vanguardia y el fascismo*. Valencia: Pre-Textos/Alfons el Magnànim, 2000.
- SESMA LANDRÍN, Nicolás. Importando el Nuevo Orden. El Instituto de Estudios Políticos y la recepción de la cultura fascista y nacionalsocialista en España (1939-1943). In: GALLEGO, F.; MORENTE, F. (Eds.). *Rebeldes y reaccionarios: intelectuales, fascismo y derecha radical en Europa*. Barcelona: El Viejo Topo, 2011. p. 243-279.
- THOMÀS, Joan M. *Lo que fue la Falange: La Falange y los falangistas de José Antonio, Hedilla y la unificación, Franco y el fin de la Falange española de las JONS*. Barcelona: Plaza & Janés, 1999.
- _____. *La Falange de Franco: Fascismo y fascistización en el régimen franquista, 1937-1945*. Barcelona: Plaza & Janés, 2001.
- _____. *Los fascismos españoles*. Barcelona: Planeta, 2011.
- _____. *El gran golpe: El ‘caso Hedilla’ o cómo Franco se quedó con Falange*. Barcelona: Debate, 2014.
- TOMASONI, Matteo. *Onésimo Redondo Ortega. Vida, obra y pensamiento de un sindicalista nacional (1905-1936)*. Tese (Doutorado) – Universidad de Valladolid, 2014.
- TUSELL, Javier. *Franco, España y la II Guerra Mundial: entre el Eje y la neutralidad*. Madrid: Temas de Hoy, 1995.
- URRUTIA, Federico de. *La paz que quiere Hitler*. Madrid: Blass, 1939.
- _____. *Poemas de la Alemania eterna*. Madrid: Giménez, 1940.
- VELACORACHO, Carmen. *Un caudillo*. Madrid: Imp. Europa, 1940.
- _____. *Dos hombres. Mussolini, Hitler*. Madrid: Editorial Aspiraciones, 1943.
- VELARDE FUERTES, Juan. *El nacionalsindicalismo, cuarenta años después*. Madrid: Nacional, 1972.
- VIÑAS, Angel. *Franco, Hitler y el estallido de la Guerra Civil: antecedentes y consecuencias*. Madrid: Alianza, 2001.